

GAZETA MERCANTIL

Quinta-feira, 24 de maio de 1984

Visão lúcida sobre o estado da economia do País

O presidente da subsidiária brasileira da empresa alemã Basf, Juergen F. Strube, em recente entrevista concedida a este jornal, fez algumas colocações muito lúcidas sobre a situação econômica por que passa o País. Strube expressou as suas preocupações com a retração do mercado interno e os problemas sociais que ela provoca em um país com um rápido crescimento populacional como o nosso. Com a redução da capacidade de consumo, deixa de haver também maior incentivo a investimentos.

É interessante notar, a propósito, a não coincidência de interesses das indústrias estrangeiras aqui instaladas com os dos grandes bancos internacionais. Enquanto estes últimos observam atentamente a evolução das exportações, que proporcionam receita ao País, dando-lhe melhores condições de arcar com uma pesada conta de juros, as indústrias estrangeiras — com exceção daquelas ligadas diretamente à atividade exportadora, como as do setor de mineração — procuram avaliar o clima dos negócios a

partir do que vem ocorrendo no mercado interno.

Isto é natural, uma vez que muitas dessas indústrias, embora possam estar empenhadas no esforço exportador, para aqui vierem sobretudo para atender às necessidades do mercado existente dentro de nossas fronteiras, sem nunca perder de vista o seu enorme potencial de crescimento.

Não importa muito para elas que o produto real brasileiro possa vir a crescer 2 a 3% neste ano em função da expansão das exportações, como já se prevê nos meios oficiais, se o mercado interno não reagir e, o que é pior, não mostrar evidência de que possa fazê-lo tão cedo. Ora, foi a promessa de uma contínua expansão de um mercado de 130 milhões de pessoas que justificou, em primeiro lugar, os seus investimentos feitos no País.

Em consequência, não é de estranhar o acelerado decréscimo dos investimentos diretos feitos no Brasil nos últimos anos. De um pico de US\$ 1,8 bilhão em 1981, o total baixou para US\$ 900 milhões

no ano passado e, para 1984, o próprio governo estima que não deva ultrapassar US\$ 750 milhões.

A transformação de empréstimos em investimentos poderia concorrer sensivelmente para minorar o problema do endividamento externo, mas o que se verifica é que muito poucas têm sido as empresas que vêm adotando essa estratégia. Em parte, isso pode ser explicado pela falta de incentivos adequados. E Juergen Strube, como outros executivos estrangeiros do setor industrial, mencionou a limitação para a remessa de dividendos de 12% sobre o capital investido, prevista pela legislação brasileira, em flagrante disparidade com o tratamento dado aos juros sobre empréstimos, para os quais não existe nenhum teto.

Mas, apesar disso, o capital de risco viria em maior volume para o Brasil se as oportunidades de negócios fossem realmente convidativas. Um estudo do Grupo dos 30 sobre o fluxo de investimentos diretos em todo o mundo, divulgado em março deste ano, observa que um dólar forte e o

rendimento financeiro de capitais transferidos aos Estados Unidos exercem hoje uma poderosíssima influência no mercado. Mas, citando executivos de 52 companhias internacionais consultadas, o estudo conclui que isso não seria um fator impeditivo, havendo possibilidade de expansão em novos e promissores mercados.

Como o mercado interno no Brasil, assim como em outros países em desenvolvimento, não pode recuperar-se enquanto estiver sujeito aos rigores do programa de ajustamento a ele imposto, a saída só poderá ser uma renegociação ampla da dívida externa. O presidente da Basf brasileira mostrou ter perfeita consciência da questão ao declarar que, para a retomada de seu crescimento, "o Brasil teria de renegociar o principal da dívida por um prazo maior, com uma certa carência para os juros". Abertamente crítico em relação ao processo atual da dívida, Strube afirmou que este só causa "incertezas e traumas para a sociedade brasileira e, em especial, para o setor produtivo".